



# D. Elvira Neves Pereira

(Distinta dama bracarense e poetisa muito apreciada)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	60



**Bordados**  
**Schweizer**

directamente da Suíça,  
franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa colleção contendo 80 figurinos novos com a nostras bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suíço.

Esta colleção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos em cambraia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e sobre sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa colleção das ultimas novidades em estofos de seda para vestidos e blusas: Crêpe, Duchesse, Tafetás, Foulards, etc., cambraia suíça 120 cm de largura desde frs. 1.35 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta colleção é igualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

**Schweizer & Co. Lucerne, 82 (Suíça).**

# Aos agricultores

Não ha melhor adubo para conseguir boas produções de generos que o de *Guano*, cuja materia prima se compõe de carnes e peixes inutilizados, disposta para a nutrição dos campos por aperfeiçoados processos chimicos.

Sua prodigiosa acção creadora exerce-se sem que as terras a que seja applicado se esterilistem, como succede, em geral, com o emprego de purgueiras, compostas de areia moída.

Assim todo o agricultor que emprega em suas sementeiras *adubos de Guano*, recolhe sempre abundantes generos e seus campos conservam aquella vida activa ne-

cessaria para produções compensadoras.

Para cada geira de terra de milho bastam 100 kilos, devendo lançar-se no rêgo do arado antes de tumar a leira, o que é facil seguindo uma mulher após o arado a deitar o *Adubo de Guano*.

Outro processo para a sementeira do milho, um tanto mais trabalhoso, porém mais remunerador, é, depois de estar um campo lavrado e gradado, abrir covachas para a semente.

No fundo do covacho deita-se uma pequena mão cheia de *Adubo de Guano*. Sobre o *Adubo de Guano* um pouco de terra, mesmo com o pé de quem deita o *Guano*, e

sobre essa terra a semente, acabando-se com mais terra de encher a côva.

Na sementeira da batata usa-se o mesmo processo.

O *Adubo de Guano* tem a grande vantagem de engordar os vinhedos, já applicado em fructos varios, dispostos nos campos que tenham videiras, já na terra exclusivamente destinada a videiras.

Quem usar um anno o *Adubo de Guano* jámais empregará purgueiras nos seus campos.

O *Adubo de Guano* vem directamente da fabrica de Lisboa e vende-se em BRAGA a 1\$100 réis cada sacca de 50 kilos, em casa de

## VILLELA & IRMÃO

Rua dos Martyres da Republica; 83

## Rol da desobriga

Na administração dos ECHOS DO MINHO -- BRAGA, está á venda papel para o rol da desobriga.





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 24 de abril de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 95—Anno II



PORTO—O Cadáver da ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Luiza Arminda F. de Sá,  
saudosa esposa do ex.<sup>mo</sup> snr. com.<sup>dor</sup> Domingos G. de Sá, em camara ardente no dia do funeral



# Chronica da Semana

CIV

## IMPRESSÕES MINHAS

**V**OU hoje narrar ao leitor as minhas impressões de conferente. Porque assim como é de uso escreve-las quem ouve, pode bem escreve-las quem falla, embora não seja isto o commum. Dá-se, porém, o caso de o mais impressionado não ser geralmente o conferente, senão os ouvintes.

N'aquelle noite, eu tractei de esclarecer qual a altitude da Igreja perante as fórmulas de governo.

Um assumpto candente, como se vê, e que mereceu a honra de ser chamado inopportuno por um dirigente realista que melhor que ninguém sabe as occasiões em que os principios são asperos como aquelle verso terrível do *Orpheu*:

z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z

Um amigo, a título de negocio grave, chamou-me para dizer que não irritasse, um illustre sacerdote chegou a encolher esphingicamente os hombros largos e a estender o labio inferior, murmurando entre sério e temeroso, como se discutira a victoria d'Allemanha, estas palavras: — não sei, não sei, não sei... pode não convir.

O certo é que eu já escrevêra a conferencia e me dispuz a saltar todos os obstaculos como um *jockey*. Para isto talvez muito concorresse, além das minhas radicadas crenças, o não ter atraz dos meus vinte e dois pécha nem responsabilidade no passado.

Vim das salas do Centro de Coimbra, como tantos, para uma posição de inteira independencia, olhando o passado e o presente com a serenidade fria que se requer em quem não vive de formulas feitas nem pauta as phrases por narizes de cêra.

D'esta sorte o futuro pode-se encarar com desassombro... e, afinal, nenhum de nós, os novos de Coimbra, nada devendo aos da direita e aos da esquerda, apenas desejam que ao morrer a mesma altivez lhes sirva de epitaphio, decididos como estão, a

manter inconfundivel o prestigio dos principios catholicos e a jogar a sua autonomia no meio da batalha moderna. Mas paremos...

... O salão estava cheio. Não vi, devo dizê-lo, aquelles vultos afamados de *habitués* das sessões solemnes, mas apenas uma forte camada de rapazes, amigos, e alguns outros que para alli teriam ido menos pela publicidade do meu nome do que pela momentosidade da minha *these*.

Quando disse ao que vinha, do alto do estrado, devo confessar a convicção em que estava, de que, além dos meus amigos e camaradas da Juventude, a grande massa ficaria inerte ao que eu diria em contraposição estabelecida com a prosa farfalhada das gântas.

E assim, julgando dever tornar preciso o meu pensa-

mento de catholico, comecei desenrolando os syllogismos da doutrina como quem desenrola um tapêto raro e ignorado pela maior parte da gente, devagar, expondo-o bem á luz. Gastei talvez uns vinte minutos n'esta tarefa ingrata em que arriscava todo o interesse palpitante do meu honesto trabalho de oito dias. Mercê de Deus, a doutrina cahiu bem deduzida e bem vincada... Terminára a primeira parte da conferencia. A meu lado e ao fundo, em frente ao palco, vi alguns antigos presos politicos curiosos. E francamente, isto excitou-me. D'ahi por deante o problema da adhesão dos catholicos, como catholicos, á Monarchia ou á Republica, absorveu-me. Centenas de olhos me fitavam. Eu ganhava calor na exposição. E veja agora o leitor paciente que me atura: as interrupções de applausos começaram.

Da primeira vez estranhei. Pareceu-me quasi impossivel que applausos se fizessem á affirmacão tão simples de que a Igreja não podia ligar o seu destino immortal a uma forma de governo que apparece hoje para morrer amanhã... Seria engano?

D'ahi a espaço, desfibrando pouco a pouco a velha manta regalista, eu declarava que a obra dos senhores do Estado, n'esse tempo, fôra apenas de humilhação e de vergonha, e tanto assim que em fins de setembro de 1910 o regalismo e a realza rasgaram as ultimas paginas da Concordata com a ponta das bayonetras que expulsavam do paiz as vanguardas congreganistas do exercito catholico.

De novo os applausos estalaram, e eu vi bem que estava fallando ao coração e ao espirito da assembleia.

Por fim, como um jornal dissesse n'esse dia que á Igreja não era indifferente vêr tremular no alto dos campanarios a bandeira vermelha e verde ou a azul e branca, eu rebati-o declarando que eram esses gonfalões d'innecessarios pois no alto dos templos catholicos outra bandeira estava e essa eterna — a cruz — que não cahira com a queda da corôa e não cahirá com o baquear do que ahi está de gorro phrygio.

Os applausos então recrudesceram e embargaram o som da minha voz ao terminar. Fiquei contente. A ideia pura da fé era entenida... A grande massa, embora a menos famosa nas gazêtas, comprehendera o esforço da nova organisação catholica lançada.

E nera terminar, caro leitor, contar-te-hei que dois commentarios ao fim, me impressionaram.

Um, de um moço que se calou, talvez embatucado com aquella peregrina ideia de que os c entes pretendem habitar em casa aparte, dos realistas, é de vêr.

Outro, de um culto operario que me disse: — Felicito-o. A sua conferencia compensou-me de todos os desgostos que tive... por causa do Abundio, que Deus guarde!

F. V.



# VIDA INTENSA

**B**OA, incorrigível leitora: Reincide na politica mas d'esta vez com razão. Agora sim — pôde ufanar-se — vou chamar-lhe thalassa. Fiz o possível e tentei o impossível, para a affastar da politica, mas vejo baldado o meu honesto esforço. Quer?! Pois seja minha adorável amiga, seja... Eu é que desejava a sua alma muito acima de tanta pequenez miserável, de tanta vergonha... Queria o seu espirito adorável, mais entretido nas pequeninas artimanhas subtis, das suas rendas, que propriamente envolvida nas malhas estreitas da politica soez. Mas que fazer? Os seus argumentos quasi me convencem. O momento é grave — tem razão — É' tragico, é pavoroso, convenho. Ou a monarchia ou o

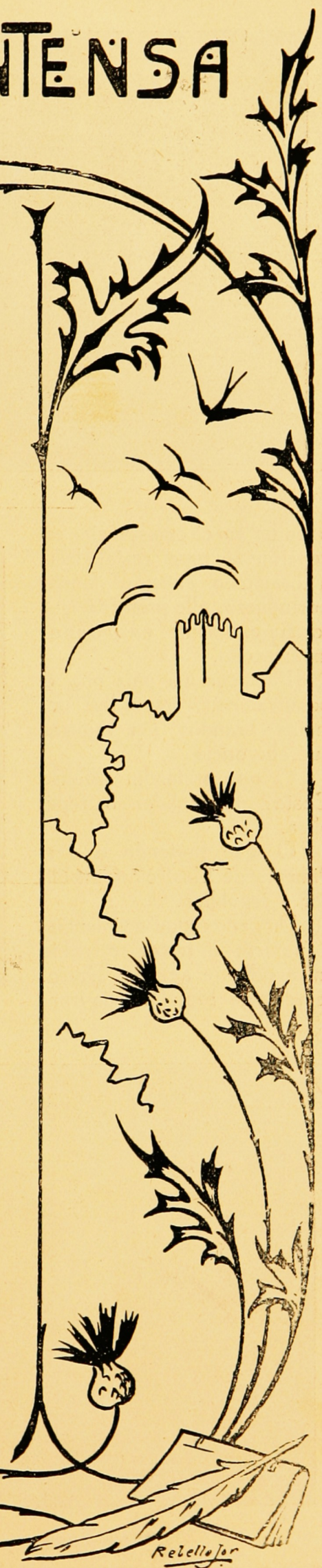


*VILLA VERDE — O rev. Manuel d'Araujo, parochio de Santa Marinha d'Oleiros, fazendo a visita paschal aos seus parochianos*

suicidio. Dentro d'isto é que já não ha remedio possível, não ha solução... Só a monarchia nos pôde restituir a tranquillidade, o credito, a paz, tão necessarias ao progresso economico e moral da nação, mais — á garantia da independencia.

Por agora, só vemos o fim. Esta situação não conduz a coisa nenhuma ou melhor, arrasta para o fim. Afinal é o processo manso de liquidar uma nacionalidade. Affonso Costa liquidaria a patria a chicote, a tirc. O actual governo vae liquidar-la com mansidão. A republica até aqui, governou com uma navalha entre os dentes; agora quasi governa de joelhos...

O general Pimenta de Castro faltou aos seus compromissos, faltou ao seu passado, desvirtuou a sua missão. Empurrado para







sigencia, da mansidão e ha-  
de estatellar-se pelo ridículo...  
E' duro é, mas é assim. Vê,  
no que liquidam as suas illu-  
sões?...

A republica não pôde con-  
solidar-se, porque é odiada  
pelo paiz, porque nos seus in-  
certos quatro annos de vida,  
tem demonstrado largamente  
os seus erros e os seus crimes.

Para estabelecer a harmo-  
nia entre a familia portugueza,  
seria necessario obrigar o paiz  
a pronunciar-se pela legalida-  
de antes que se pronuncie ine-  
vitavelmente pela revolução.

Mas isso é que elles não  
fazem, minha ingenua leitora,  
porque ambos tem o mesmo

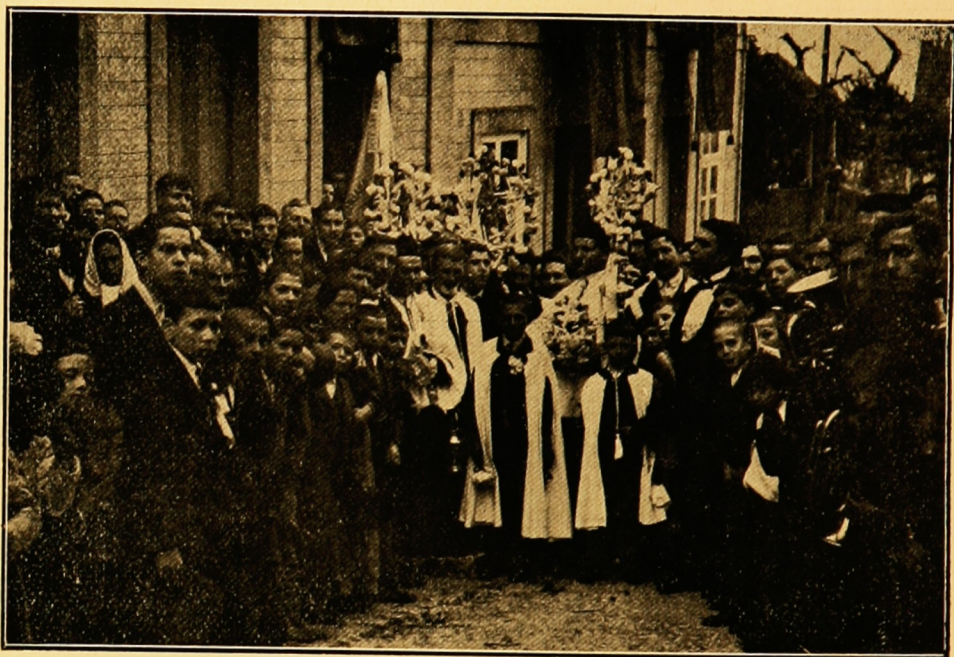
o poder em circumstancias ex-  
cepçoes para restabelecer  
a harmonia entre a familia  
portugueza, elle pretende mui-  
to simplesmente engrossar  
uma facção.

☞ Pacificar um paiz não é,  
positivamente, impôr-lhe por  
meios brandos um regimen  
que elle odeia.

O que pretendia Affonso  
Costa? Consolidar a repu-  
blica.

O que pretende o snr.  
Pimenta de Castro? Consoli-  
dar a republica.

Um, empregou a violencia,  
o panico, o terror e cahiu  
entre odios e apupos. Outro,  
serve-se da brandura, da tran-



anti-patriotico desejo: conso-  
lidar a republica.

Afinal são dois dictado-  
res, com processos differentes  
mas com identicos fins...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

*PENAFIEL—A visita paschal  
na séde da Juventude Ca-  
tholica, cuja recepção foi  
feita no meio do maior en-  
thusiasmo.*

2)—*A visita paschal, sahindo  
da séde da J. C.*

3)—*Um aspecto da rua For-  
mosa por occasião da visi-  
ta paschal.*

(Clichés do phot. am. snr.  
Braz F. S. Meirelles)



QUADRO VIVO

(A' minha amiga Zulmira de Mello)

Simplesmente emoldurado  
N'um caixilho de janella,  
Disfructo um quadro, que a tela  
Não pôde reproduzir.  
Não ha pincel amestrado  
Nem tintas p'ra o colorir :

No valle, junto do outeiro  
Que no azul o dorso empina,  
Onde vegeta a bonina,  
Onde a ovelha se apascenta,  
Semelha o prado um canteiro,  
Que mil cô's ao sol ostenta.

Do dia o rei magestoso  
Partiu. A Lua produz  
Com o seu manto de luz,  
Novo effeito sobre o prado.  
E o quadro sempre formoso,  
Sempre bello e variado.

Que encanto lhe dá, que graça,  
A egrejinha na planura!  
Cheira de dia a frescura,  
De noite alveja ao luar,  
Tal como o rio que passa,  
De pedra em pedra a saltar.

—Amigo a que as lavadeiras  
Vão dizendo seus pezares,  
Em dolorosos cantares  
Que brotam do coração.  
Narram-lhe suas canceiras,  
A morte d'uma illusão . . .

Março de 1915.

E o rio que ternamente  
As escuta, a suspirar,  
N'um continuo deslizar  
Sobre o tapete d'areia,  
Entoa uma aria dolente  
Como canto de sereia.

Se n'essas almas singelas  
Porém scintilla o prazer,  
Chama-as o rio a correr,  
Conserva-as perto de si,  
Alegre folga com ellas  
E com ellas canta e ri.

Sopra o vento. A roupa leve  
Que está na corda estremece  
E cada lenço parece,  
Agitando-se no ar,  
Por sua alvura de neve,  
Ser uma pomba a adejar.

Mas este quadro risonho  
Só eu disfructo. E a janella!  
Ninguem mais se abeira d'ella,  
Só eu tenho esse condão.  
Foi aberta por um sonho,  
Na minha imaginação.

ELVIRA NEVES PEREIRA.



# OS ALVES . . .

(Folar da Paschoa ao amigo dr. BiVar)



**D**AS mais numerosas e nobilitadas, entre nós e em nossos dias, é talvez a *gens* ALVES, bem que o não pareça á primeira vista. Sobre este appellido de substrucção, tão liso e modesto, assenta muito bem, qualquer outro, como o elemento *differencial* sobre o *genérico*; dando assim a determinação da especie por genero e differença, como queriam os logicos e usavam os romanos antigos na sua organização social.

Ainda por estas aldeias se emprega o termo *gente*, no sentido de parentela. Assim diziam em nossa casa na minha creação: «A nossa gente de Ervideiros», «a nossa gente de Infesta», «a nossa gente de Pergoim» para indicar outras tantas familias parentes nossas, residentes n'essas localidades. Se por outras partes se usa assim fallar, não o sei ao certo nem faz ao caso; por não tratarmos agora de liquidar esse ponto.

Dêmos de barato que os nossos ALVES representem ainda uma *gens*, vinda até nós desde os tempos de Numa Pompilio, á qual chamaríamos *Alvesca* ou *Alvina* se n'isso não houvesse inconveniente: espero que não haveria.

Ora vejamos:

Dr. *Alves Vicente*, (o Cambado) theologo, jurisconsulto, advogado em Braga.



LISBOA — A manifestação de sympathia ao governo

O chefe do governo, general snr. Pimenta de Castro e o ministerio, agradecendo a manifestação

- Dr. *Alves Martins*, theologo, estadista, bispo de Vizeu.
- Dr. *Alves Passos*, (Manuel) medico-cirurgião, professor, Braga.
- Dr. *Alves de Sá*, jurisc., advogado, Lisboa.
- P.<sup>o</sup> *Alves de Castro*, theol., professor, Braga.
- Dr. *Alves Pereira*, med., Arcos de Val-de-Vez.



O povo desfilando deante do ministerio



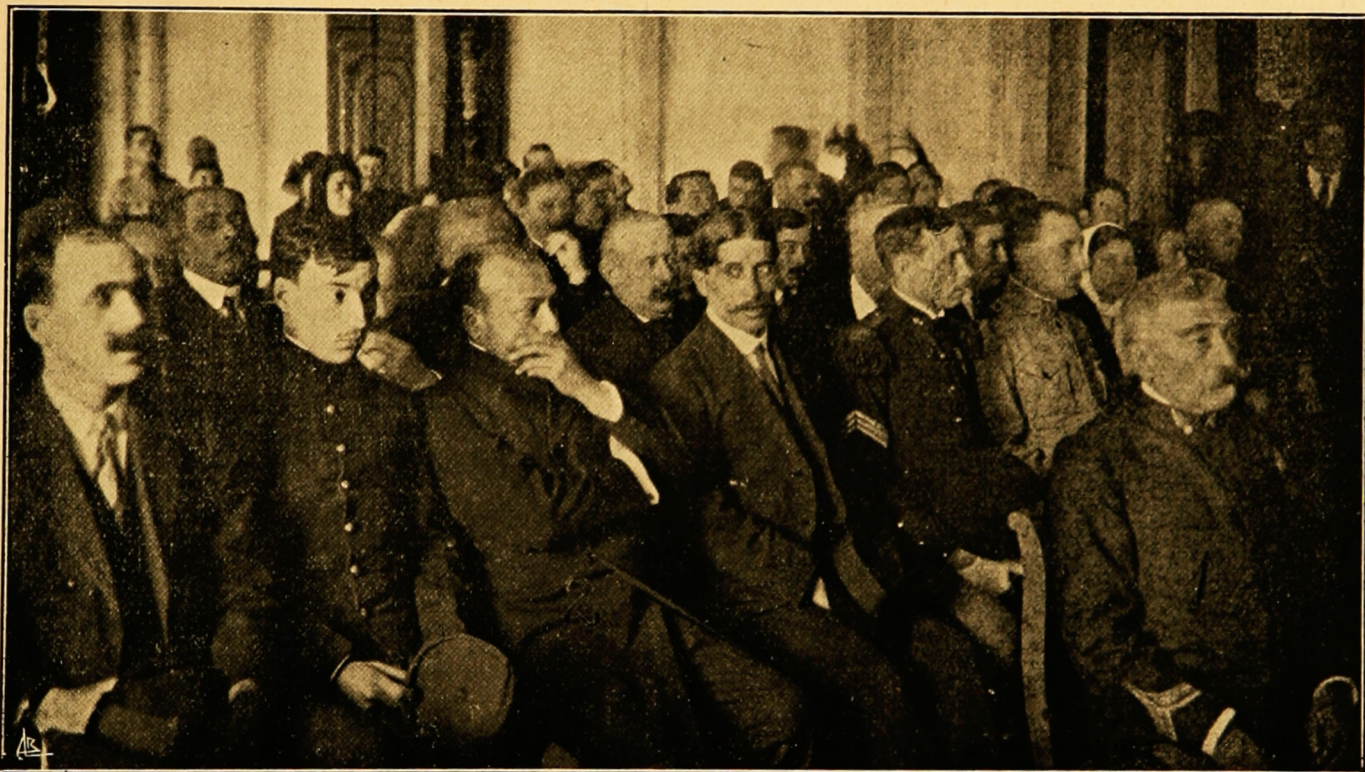
Dr. *Alves de Souza*, theol., professor, Coimbra.  
 Dr. *Alves Matheus*, theol., prof., orador, Braga.  
 Dr. *Alves Mendes*, theol., prof., orador, Porto.  
 Dr. *Alves de Moura*, theol., professor, Braga.  
 Dr. *Alves de Mello*, juris., professor, Braga.  
 Dr. *Alves dos Santos*, theol., prof., Coimbra.  
 Dr. *Alves Moreira*, juris., estad., prof., Coimbra.  
 Dr. *Alves da Cunha*, theol., prof., Loanda.  
 P.<sup>e</sup> *Alves Machado*, theol., paroch., Celorico.  
 Sr. *Alves de Araujo*, professor, Braga.  
 Dr. *Alves Mattoso*, theol., prof., bispo da Guarda.  
 P.<sup>e</sup> *Alves da Lomba*, theol., paroch., Amares.  
 Dr. *Alves de Mattos*, theol., arcebispo de Mytilene, Lisboa.  
 Dr. *Alves Ferreira*, juris., juiz de direito, Lisboa.  
 Sr. *Alves Roçadas*, tenente-coronel, Loanda.

de ser coada pelo filtro da *gente illustrada*; e d'esta mesma nem toda foi recenseada por falta de noticia, como é obvio aliás. Quem quizer accrescenta-la ou corriji-la, mande para a *Illustração Catholica* onde espero que esta apparecerá.

Notemos por conclusão:

1.<sup>o</sup> Que o appellido sobreposto a Alves e se não repete mais que uma vez, e imperfeitamente, pela addicção de outro;

2.<sup>o</sup> Que o estudante AGUIA diz muito com a côr local das montanhas da sua provincia natal; e assim mesmo o LIRIO com a amenidade dos valles do nosso Minho;



LISBOA — Ainda o movimento militar de outubro. Os accusados respondendo perante o tribunal militar vendo-se em primeiro logar o major snr. Costa e Ornellas e na segunda fila o snr. Constancio Roque da Costa

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

Sr. *Alves Loureiro*, capitão de mar e guerra, Lisboa.  
 Dr. *Alves Corrêa da Silva*, theol., prof., Porto.  
 Dr. *Alves da Veiga*, jurisc., diplomata, Bruxelas.  
 Sr. *Alves Cerdeira*, capitalista, Braga.  
 Sr. *Alves Corrêa*, jornalista, Lisboa.  
 Sr. *Alves Lopes*, estud. theol. em 1860, seminario, Braga.  
 Sr. *Alves Salgado*, estud. theol. 1860, seminario, Braga.  
 Sr. *Alves Aguiã*, estud. lyceu, Braga, *trasmontano*.  
 Sr. *Alves Lirio*, estud. lyceu, Vianna, *minhoto*.

Fico-me a 30

Mais longe iria a inscripção, se não tivera

3.<sup>o</sup> Que o que não diz muito bem é, entre tantos theologos da lista, tenha vivido e morrido como christão fervoroso quem o não era. o medico; e ao contrario, o mais graduado nos estudos theologicos haja resvalado e lastimosamente na apostasia. Altos juizos de Deus!

Oremos por elle e olhemos por nós. Seguiremo-nos ao mastro da Cruz contra os vendavaes do mundo, e brademos na borrasca com alma e coração:

«O Deus que sois a verdade! deixae-me unir comvosco em amor perpetuo» (1).

M. C.

(1) O veritas Deus, fac me unum tecum in charitate perpetua.

(KEMPIS, I, 3.)



# Sanatorio Souza Martins

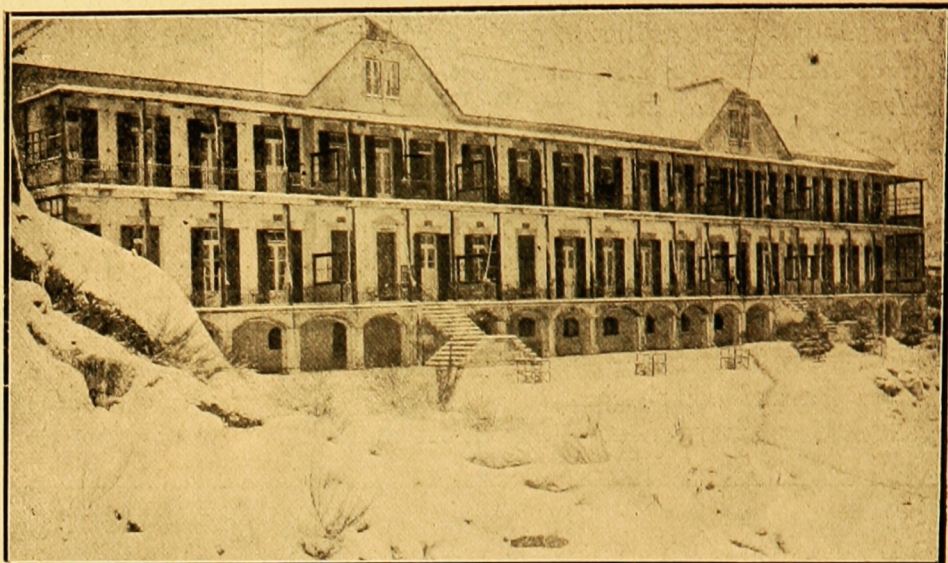
tamento de altitude que a doença requer, pela sua falta de meios.

E' pois da maior utilidade, para os necessitados, o Sanatorio Souza Martins, que du-



OM o nome de um dos maiores medicos portuguezes mandou a Assistencia Nacional aos Tuberculosos, benemerita instituicao do passado, creada pelo esforço d'um punhado de almas caridosas, construir na cidade da Guarda — a mais alta de Portugal — o Sanatorio Souza Martins, para tratamento de doenças pulmonares.

Este estabelecimento, que



GUARDA—Sanatorio Souza Martins. Pavilhão n.º 1



Casa de jantar e salão d'inverno

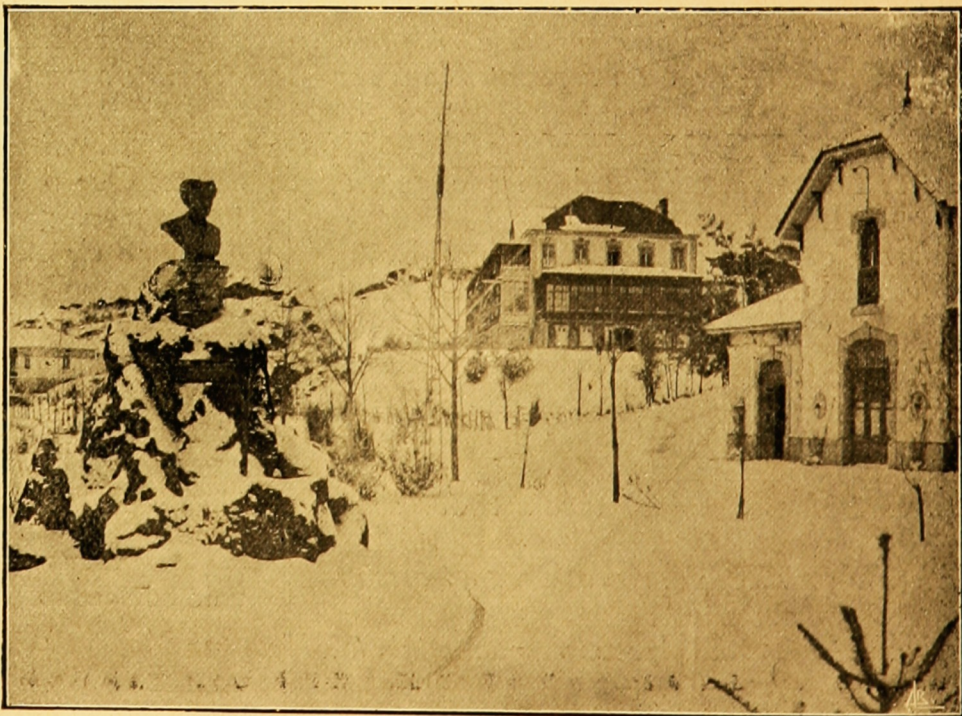
plamente satisfaz o fim para que a Assistencia foi creada. Aqui encontram os, infelizmente, atacados do horrivel mal, todas as condições exigidas para o seu completo restabelecimento.

Revestido de todas as commodidades e confortos, tem o Sanatorio Souza Martins uma vista soberba, pois se encontra a 1.039 metros de altitude, nas cercanias da Serra da Estrella gosando-se d'elle, n'um vastissimo horizonte, um panorama emocionante.

rivalisa com os mais aperfeiçoados que existem na Suisa e outros paizes propicios ao tratamento da tuberculose pela cura ao ar livre, é digno, por todos os motivos, de ser conhecido dos nossos leitores.

A Assistencia Nacional aos Tuberculosos que tem espalhado por todo o paiz os meios mais adequados ao debellamento da terrivel doença tem n'este Sanatorio a sua melhor alma. Aqui ha, além de dois pavilhões para pensionistas, um terceiro para pobres.

N'este pavilhão aproveitam os que lhes era completamente impossivel fazer o tra-

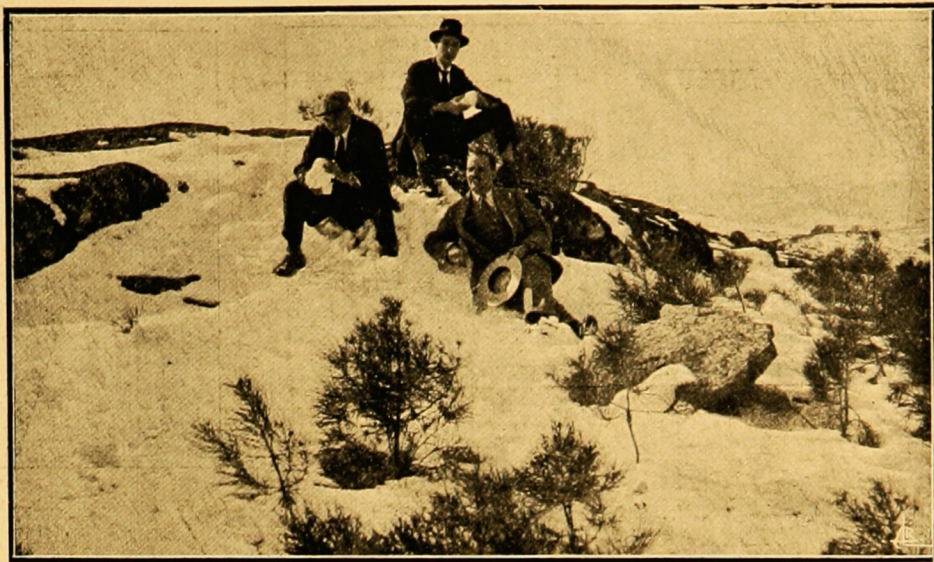


Monumento a Souza Martins



N'elle encontram os doentes o melhor meio de esquecerem a doença, pois além d'um confortavel salão d'inverno, onde ha sessões cinematographicas todos os domingos, tem uma enorme cerca com um frondoso pinheiral e um bem cuidado jardim que produzem um conjuncto deveras agradável.

Agora na epocha invernal é este parque caracterizado por constantes nevões, que são o encanto dos doentes, que procuram na neve uma serie interminavel de brincadeiras inoffensivas á doença, taes como: a construcção de



GUARDA—Sobre os penedos depois da nevada



Combate de neve

blocos e figuras de neve e os passeios sobre ella, onde improvisam distracções de toda a especie.

Muito mais poderiamos dizer do Sanatorio Souza Martins, onde nada falta para o bom resultado d'uma cura certa, mas tem esta pequena noticia o fim apenas de acompanhar os clichés, devido á gentileza do distincto photographo amator, ex.<sup>mo</sup> snr. Alvaro Soares d'Almeida e de mostrar aos nosso leitores os maravilhosos aspectos das ultimas nevadas n'este Sanatorio, vendo-se por elles ligados o util ao agradável.

Actualmente apenas se en-

contra a funcionar o pavilhão de 1.<sup>a</sup> classe e os chalets independentes, unicas installações com *chauffage* central, melhoria que em breve será extensiva a todos os outros pavilhões.

A' frente da direcção de este estabelecimento encontra-se uma notabilidade clinica, o snr. dr. Lopo de Carvalho, a quem outras notabilidades medicas nacionaes e estrangeiras tem prestado as maiores homenagens, pela sua capacidade como fisiologista, sendo medico adjuncto o snr. dr. Amandio Paul tambem considerado um dos mais competentes na especialidade.

Guarda, Fevereiro de 1915.

S. R.



PORTO—Uma festa desportiva.—Uma phase do jogo entre o «Foot Ball Club do Porto» e o «Sporting Club de Vigo»





PORTO — Team do Foot Ball Club de Porto



Team do Sporting Club de Vigo  
(Vencedores)

## A Missa de Manzoni

ERA um domingo de Janeiro; um d'aquelles dias em que o frio, o vento, a chuva ou a neve tornam tão desagradavelmente o transitar pelas ruas.

O amigo do illustre Alexandre Manzoni, auctor de *I promessi sposi*, achando-se de passagem por Milão, não quiz desperdiçar a occasião de visita-lo. Foi, pois, vê-lo depois do meio dia e encontrou-o de muito mau humor.

— Que é que o apoquentá? — perguntou o nobre ancião. — E' talvez o seu bello céo de Lombardia que o torna tão mal humorado?

— Não, senhor, — respondeu Manzoni; são estas mulheres da minha familia que teem a



Um aspecto da assistencia



Outro aspecto da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.»)

culpa. Empenharam-se em que não fosse á Missa e na verdade conseguiram-no.

— E muito bem fizeram. Sahir á rua com um tempo tão endiabrado podia causar-lhe uma pneumonia.

— Pois eu sustento que fizeram mal, e provo-o.

Supponha que eu tivesse ganho um premio da loteria de duas ou tres mil libras, e que para o receber devia ter ido eu mesmo ao escriptorio da Central, julga que ellas, por temor do mau tempo me fizessem perder o dinheiro ficando em casa?



E o que é certo, é que o amigo não soube que responder a tal argumento.

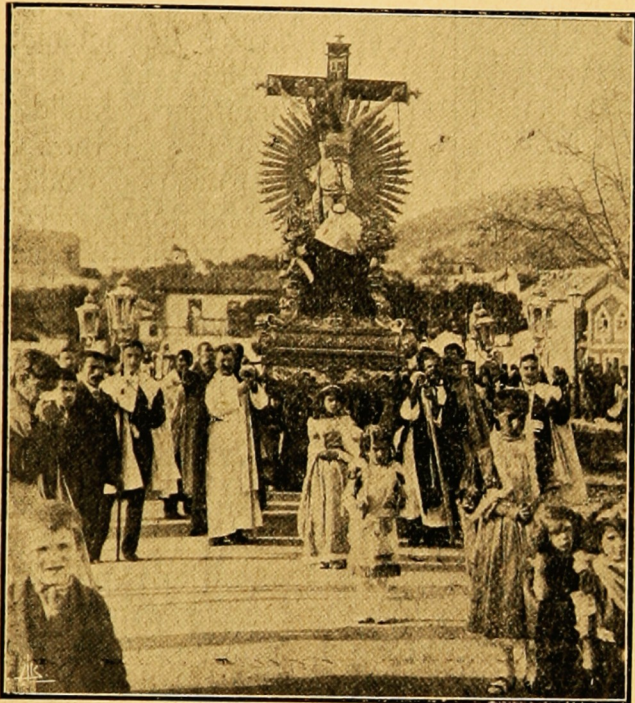
## Fastos do Catholicismo



Santa Thereza

Nossos visinhos hespanhoes celebram este anno com grande solemnidade o centenario do nascimento da mystica Doutora Santa Thereza de Jesus.

Em Avila, sua terra natal, foi celebrada com



VIANNA DO CASTELLO—A procissão de Ramos

O andor do Senhor do Triumpho



O desfile do imponente cortejo religioso pela rua de S. Sebastião



D. Mecia Julia Pereira Lopes de Mello Maciel

Fallecida em 15 de março de 1915, na villa de Ponte do Lima, com 79 annos de idade

Confortada com os ultimos Sacramentos da Egreja, por ella me-ma pedidos, morreu apertando de encontro ao peito um Crucifixo e o Terço, e lançando a ultima benção aos filhos e aos netos que a estremeciam. A' nobreza dos seus pergaminhos, pois estava aparentada com as principaes familias do Minho, soube juntar sempre os pergaminhos, mais nobres ainda das suas virtudes. No dia 14 de abril p. p. 30.º do seu fallecimento, houve Officios solemnnes na egreja de S. Victor, Braga, em que tomaram parte 22 ecclesiasticos d'esta cidade, com a assistencia de grande numero de fieis, que assim quizeram suffragar a alma da fallecida e manifestar a sua sympathia ao rev. padre Roberto Maciel, zeloso parochio da freguezia e filho da virtuosa senhora.

grande solemnidade uma sessão, notavel pelos discursos proferidos e poesias recitadas, e por toda a Hespanha a imprensa lhe dedicou numeros especiaes.

A neutralidade do Pontifice

Ernesto Gudet, director de *L'Eclair*, de Paris, publicou recentemente no seu diario a visita que fez em Roma, ao Papa e ao Cardeal Secretario de Estado, o qual o auctorisou para tornar publicas as suas declarações.

O Em.<sup>mo</sup> Cardeal Casparri protestou perante M. Gudet das falsas noticias que na França se fizeram circular sobre a supposta tendencia da Santa Sé em favor da Allemanha, accrescentando que a Santa Sé permanece neutral, sendo tudo quanto se diga em contrario puramente insidioso, e com o fim de indispôr a opinião catholica franceza contra a Santa Sé.



apostólica, romana, demorando-se o seu desejo até agora, por se haver então desencadeado a guerra.

É assim mesmo

*Le Peuple*, diário belga anti-clerical, inventou e publicou antes da guerra uma acusação de immoralidade contra um Irmão Marista, o qual querellou o periodico perante os tribunaes que declarando a innocencia do religioso, condemnaram o calumniador nas custas, e a pagar seis mil francos de danos ao calumniado e a dez inserções da sentença na imprensa, penalidade esta ultima que se tornou extensiva a todos os periodicos que se haviam tornado echo da infame accusação calumniosa. Se todos os religiosos e sacerdote calumniados fizessem outro tanto, em breve se acabaria com os cobardes calumniadores.

Honrosa distincção

A marquezeta Helena Revilacqua, presidenta das Conferencias de senhoras de S. Vicente de Paulo, em Bolonha, foi agraciada por Sua Santidade com a cruz *Pro Ecclesia*, dando assim o Pontifice uma prova de quanto estima e aprecia o apostolado de amor e caridade, da illustre dama com os pobres, e do muito que distingue a bella obra das Conferencias. R. C.



VIANNA DO CASTELLO — O pallio, sob o qual era conduzido o Santo Lenho, ao passar no Campo do Castello

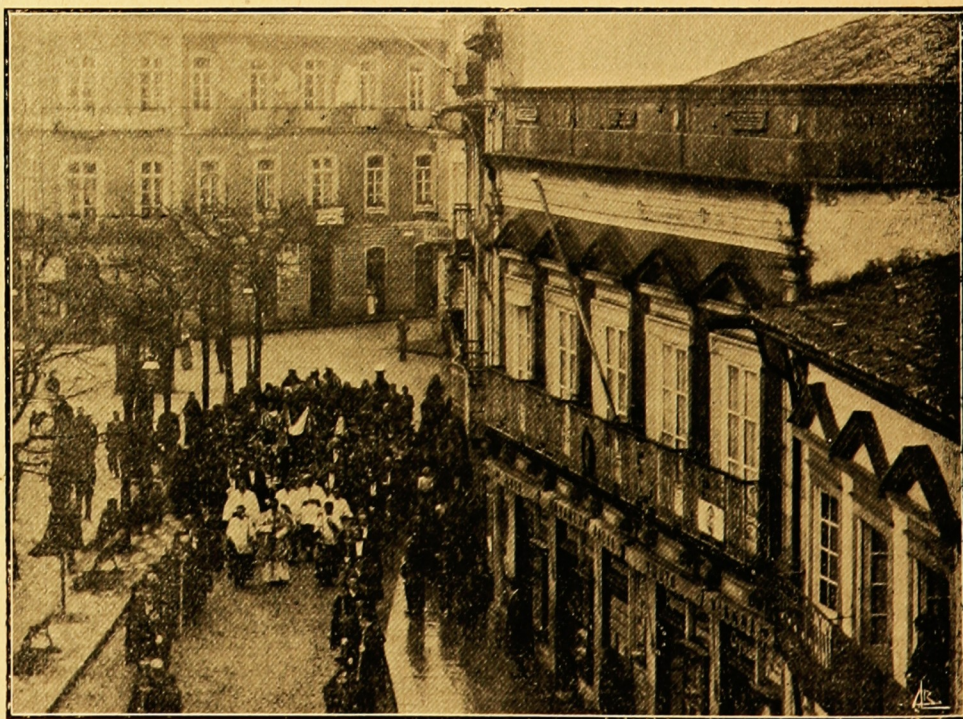
O Em.<sup>mo</sup> Cardeal Secretario de Estado recordou ao jornalista francez a ultima allocução Consistorial do Papa, no qual Sua Santidade reprovava todos os excessos, fosse quem fosse aquelles que os commettessem, embora o interesse espiritual da Egreja lhe impeça pronunciar-se a favor de nenhum dos belligerantes.

Peregrinação hespanhola ao Pilar

O Ex.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo de Tarragona publicou uma interessantissima circular convidando os catholicos catalães a concorrer em peregrinação ao Pilar no dia 20 de maio, decimo anniversario da coroação canonica da veneranda imagem da Doadroeira de Aragão, visto que, por motivo da guerra não podem este anno celebrar-se as frequentes peregrinações a Lourdes.

Conversão

Na egreja de S. Ginés em Madrid foi baptisada *sub conditione* uma distincta menina allemã que residia em Paris, d'onde conseguiu fugir nos primeiros dias da mobilisação. Nascida de paes protestantes e educada no protestantismo, sentiu em Paris desejos de se converter á religião catholica,



VIANNA DO CASTELLO — A procissão do Senhor aos enfermos. O cortejo religioso atravessando a Praça da Republica

(Clichés do phot. s.r. Roriz)



D. Maria J. Trepa d'Oliveira Ramos

OOO

Ha vinte e tres annos que em uma linda alvorada d'abril veio ao mundo a fada gentil cujo retrato illustra esta pagina.

Como Amphitrite, roubou ás brancas espumas das ondas a côr alvissima da cutis selinosa!

A côr dos seus olhos foi busca-la ao ultimo clarão d'um poente lindo! A estatua elevada, airosa, esbelta, se não fôra obra da Natureza, te-lo-hia sido de Phydias, tão correcta e harmoniosa ella é.

Muito educada e gentilissima para com todos, prende e fascina pelo encanto mavioso do seu todo.

Quando desliza nos salões ao rithimo compassado de uma walsa dir-se-hia a propria Terpsicôre ensinando a dançar.

Se falla, é uma musica divina

que se ouve; se escuta, é uma graça que se vê.

Ouvi-la, vê-la, é um encanto para os ouvidos e para os olhos.

A *Illustração* felicita a gentilissima e insinuante Senhora pelo seu anniversario e felicita igualmente a cidade de Guimarães por lhe caber a honra de ser escriptorio de tal joia.

C.



O snr. Alfredo Correia Mendes e sua esposa D. Gloria J. da Silva Andrade Mendes,

sobrinha do rev. Abbade de Gondarem (V. N. de Cerveira) cujo consorcio se realizou no dia 13 de fevereiro ultimo



D. Maria José T. d'Oliveira Ramos



BRAGA—O Paço dos Biscainhos onde se realisou a grande reunião monarchica. O povo sahindo do edificio





BRAGA—O enterro de João Lopes de Freitas, o infeliz monarchico barbaramente assassinado pelo republicano Manuel Alves. Um aspecto da imponentissima manifestação

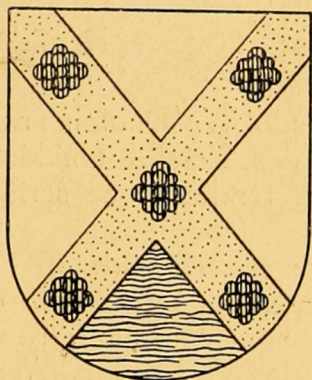


BRAGA—Grupo tirado depois da inauguração da Sopa Economica no Asylo de Mendicidade Conde de Agrolongo. A' frente o Senhor Arcebispo Primaz, instituidor d'esta benemerita obra, tendo á sua esquerda o snr. Conde de Agrolongo e á direita o snr. José Antonio d'Araujo Barbosa

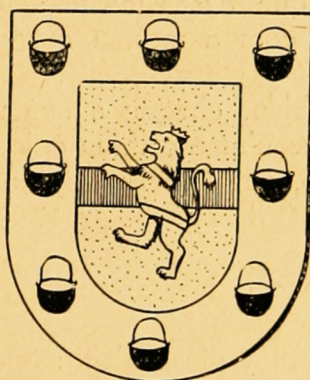


# ARMARIA PORTUGUEZA

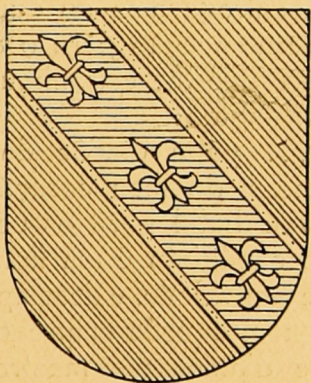
Armas de cada appellido que entram na composição dos braços das casas nobres de Portugal



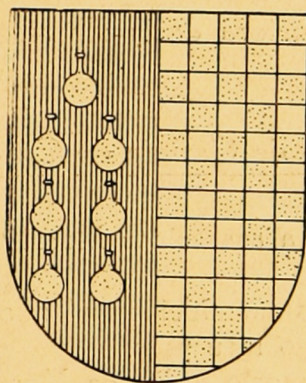
**Beliaços.**—Em campo de prata uma aspa de ouro com uma rosa vermelha em cada ponta e uma no meio e a aspa assente sobre ondas de água.  
Timbre: uma cabeça de serpente com um ramo de ouro e tres rosas vermelhas.



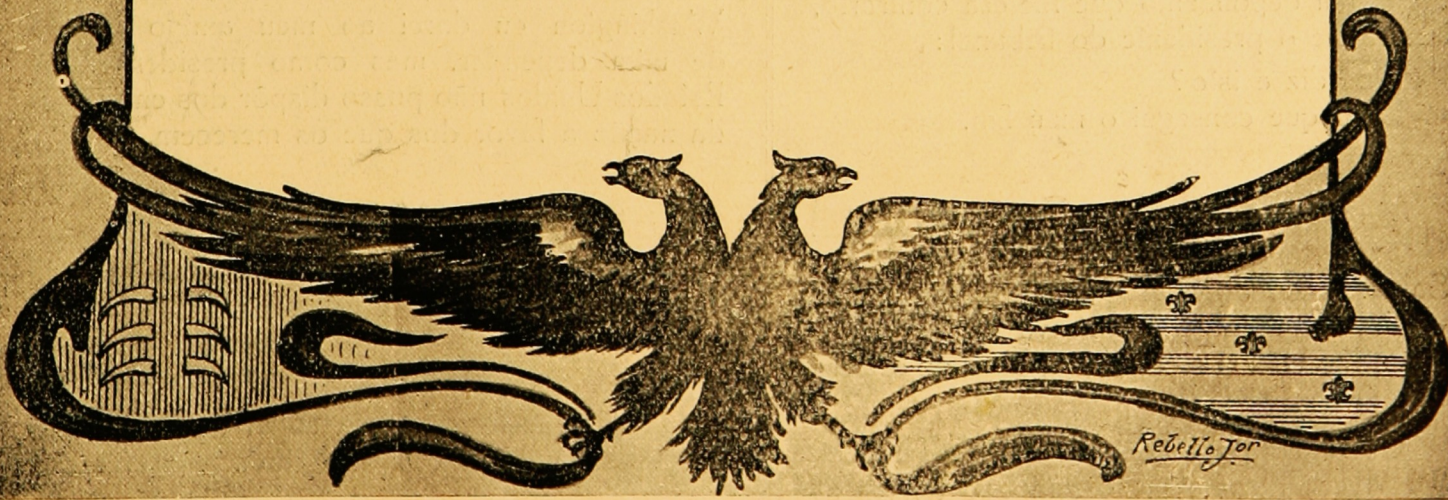
**Benevides.**—Em campo de ouro uma faixa de vermelho e em cima d'ella um leão de ouro, coroado, com uma banda que lhe rodeia o corpo.  
Orla de prata com cinco caldeirões negros.



**Beringeis.**—Em campo verde uma banda azul bordada de ouro com tres lizes de prata.  
Timbre: um braço vestido de vermelho com uma das lizes na mão.



**Bernardes.**—Escudo partido em pala; na primeira sete redomas de vidro sobre campo vermelho; na segunda esquaques de ouro e prata de cinco peças em facha.





# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos



Madame Roland

MADAME ROLAND ouviu com serenidade a sentença que a condemnava á morte e disse para os juizes:

— Julgaes-me digna de compartilhar a sorte dos grandes homens que assassinastes: farei por subir ao patibulo com a mesma coragem que elles mostraram.

Quando, no cadafalso, chegou a sua vez, os seus olhos fixaram-se n'uma estatua colossal da Liberdade, de gesso, que haviam erigido na praça para a festa de 10 de agosto de 1793, e exclamou:

— Liberdade, quantos crimes se commettem em teu nome!

O historiador Lemontey disse d'ella:

— Foi o character mais forte e mais verdadeiro da nossa Revolução,

Um inimigo, um jurado do Tribunal revolucionario, Antonelle, prestou-lhe mais brilhante homenagem:

— Era a mais seductora das mulheres e o maior dos homens.

### Depoimento de Carlota de Corday

— Quem a induziu a assassinar Marat?

— Os seus crimes.

— E quaes eram as suas ideias matando-o?

— Restituir a paz ao meu paiz.

— Julga então ter morto todos os Marats?

— Morto aquelle talvez os outros se ame-drontem.

Apoz um depoimento que lhe era contrario, perguntou-lhe o presidente do tribunal:

— Que diz a isto?

— Digo que coneguei o meu fim.

### Corregedor venal

Sabendo D. João II que certo corregedor da côrte era venal e demorava as sentenças para que lhe enchessem a arca, chamou-o para dizer-lhe:

— Corregedor, olhae para vós e da maneira que viveis, porque me dizem que tendes as portas cerradas e as mãos abertas.

Malesherbes

Quando este illustre defensor de Luiz XVI caminhava para a guilhotina, deu um passo em falso, e disse placidamente:

— Este passo em falso é de mau agouro, se fosse um romano voltaria para casa.

### Rectidão de Washington

Quando Washington era presidente da republica dos Estados-Unidos vagou um cargo elevado e rendoso, que seria por muitos disputado se o não pretendesse um amigo intimo e constante companheiro do grande homem. Sómente ousou competir com o valido, um membro do parlamento que fôra sempre inimigo declarado de Washington. Todos se riam da ousadia d'este homem, emtanto que o outro já recebia os parabens dos seus amigos.

Ora um dia em que o amigo do presidente recebia á meza d'elle novos testemunhos da sua amisade, entregava-se ao outro candidato o diploma de nomeação para o almejado cargo. A um amigo, que lhe estranhou este acto, respondeu Washington:

— F... pôde dispôr da minha casa, da minha mesa, do meu coração, porém conheço que não é habil para os negocios do Estado. O outro candidato é um homem honrado, com talento e actividade, e desempenhará melhor do que ninguem aquelle emprego. A inimisade pessoal que d'antes me mostrou nada tem com este caso; a opposição que me fazia na camara é filha do seu modo de pensar e o pensar de cada um é inteiramente livre. Como Jorge Washington eu darei ao meu amigo quanto de mim depender, mas como presidente dos Estados-Unidos não posso dispôr dos empregos da nação a favor dos que os merecem.

\*\*\*

A felicidade nasce muitas vezes do seio da propria desgraça. — *André Chénier.*

Não ha caminho mais seguro para chegar á felicidade do que o da virtude. — *Rousseau.*

TITO FLAVIO.